

Capítulo 5

Histórico no Brasil

Jonas Janner Hamann
Carlos Roberto Martins
Ricardo Garcia Figueiredo
Cibele Medeiros dos Santos
Danielle Galvan Casagrande

Introdução

Aos poucos, a noqueira-pecã foi introduzida em solos brasileiros, sem a aparente pretensão econômica, inicialmente pelos americanos, que pela tradição e conexão com os Estados Unidos, iniciaram seu cultivo. Posteriormente, pelo pioneirismo desbravador de alguns brasileiros, aliado aos incentivos climáticos favoráveis, acabaram tornando uma ação despreziosa em uma realidade frutífera, com alto potencial de gerar riquezas em nosso país.

Nesse contexto, a história da noqueira-pecã é construída por fatos e por pessoas que plantaram árvores – ainda plantam – e que colheram nozes – ainda colhem. O que se relata neste capítulo é resultado de algumas pesquisas sobre fatos que ocorreram no passado, sem o intuito de esgotá-los, mas de resgatar acontecimentos que marcaram as fases da cultura em nosso país.

Fases da história da noqueira-pecã no Brasil

Fase I

A primeira fase da noqueira-pecã no Brasil iniciou com os imigrantes norte-americanos (confederados que participaram da Guerra da Secessão), em 1865, os quais migraram ao país porque o Imperador D. Pedro II tinha interesse em expandir o cultivo de algodão – esses imigrantes já produziam essa cultura nos Estados Unidos da América (Wells, 2017). O imperador brasileiro ofereceu aos confederados oportunidade de compra de terras a preço atrativo, concessão de terras e incentivos fiscais (Wells, 2017). Entre os anos de 1865 e 1875, cerca de 2 mil a 4 mil sulistas norte-americanos migraram para o Brasil, introduzindo, além do algodão, a cultura da melancia (*Citrullus lanatus*), pessegueiro (*Prunus persica*) e noqueira-pecã (*Carya illinoensis*) (Wells, 2017). Nesse período, várias colônias foram estabelecidas, mas a maior e mais bem-sucedida localizava-se a 130 km da cidade de Santa Bárbara (SP), recebendo o nome de Vila Americana, posteriormente, chamada de Americana.

A colônia de Americana foi estabelecida sob a orientação de William Hutchinson Norris, advogado, senador do estado do Alabama e ex-soldado na Guerra Mexicano-Americana (onde lutou e recebeu a patente de Coronel). Chegou ao Brasil em 1865. Já em solo brasileiro, em sua propriedade, Norris semeou algumas nozes trazidas do Texas (EUA), as quais germinaram. Uma delas tornou-se uma planta vigorosa e imponente na região, a qual serviu de elo afetivo ao lugar que esses confederados deixaram para trás, em sua terra natal.

Fase II

A segunda fase da noqueira-pecã no Brasil teve início em 1900, no município de Santa Bárbara (SP), onde o soldado norte-americano Ezekiel Belton Pyles plantou algumas sementes, que originaram duas plantas, concomitantemente com o plantio, também de algumas sementes, realizado pelas famílias norte-americanas Jones e Mac Knight. Essas informações constam na publicação *ABC do Lavrador Prático*, de autoria de Paulo V. C. Bittencourt, que se destaca como uma das obras técnicas pioneiras sobre a cultura, de que se tenha registro. Pertencente à série *ABC do Lavrador Prático*, publicada pela Editora Melhoramento (Figura 1). Ressalta-se que não é possível precisar o período exato da publicação, constando apenas como “Bittercourt, 19--”.

Em 1910, a professora Miss Mac Intyre, do Colégio Americano de Piracicaba, trouxe sementes dos EUA e presenteou-as ao engenheiro-agrônomo Dr. Luís Teixeira Mendes. As sementes foram plantadas, e as mudas transplantadas, dentre as quais uma foi plantada na cidade de Piracicaba, no quintal de um familiar de Luís Teixeira Mendes, tornando-se uma árvore frondosa. Mais tarde, quando essa planta iniciou a produção, Teixeira Mendes, deparando-se com nozes com boas características, selecionou gemas e começou a propagá-las, dando origem à variedade Piracicaba (Bittencourt, 19--). Esse exemplar viveu por cerca de 30 anos e serviu como planta-matriz para diversos viveiros do Instituto Agrônomo. Transcorridas as três décadas em que essa árvore produziu e serviu como fornecedora de gemas, o terreno onde estava plantada foi vendido, e o novo proprietário eliminou-a (Bittencourt, 19--).

Em 1915, já com intuito de formar um pomar com viés comercial, Mário Veiga de Moraes adquiriu algumas mudas de noqueira-pecã, num total de três variedades, as quais foram plantadas na Fazenda Canteiro, próximo a Nova Fraiburgo, RJ. (Murayama, 1973).



Foto: Carlos Roberto Martins

Figura 1. Capa da publicação de Paulo V.C. Bittencourt sobre a cultura da noqueira-pecã, distribuída em meados do século passado pela Editora Melhoramentos.

Fase III

A terceira fase da noqueira-pecã no Brasil iniciou por 1929-1934; esse novo ciclo da pecanicultura no país iniciou com a importação de mudas enxertadas de cultivares norte-americanas. Esse movimento de importação foi realizado por órgãos oficiais (Instituto Agrônomo) e por empresas privadas (Viveiro Dierberger, o qual passou a produzir comercialmente mudas de noqueira-pecã).

Em 1943, a então Estação Experimental de Pelotas passou a fazer parte da rede de experimentação agrícola do Instituto Agrônomo do Sul, do Serviço Nacional de Pesquisas Agrônomicas do Ministério da Agricultura. No ano de 1945, iniciaram-se os primeiros trabalhos de pesquisas da instituição, chefiados pelo engenheiro-agrônomo Joaquim Ignácio Silveira da Mata. Esse trabalho inicial teve grande foco sobre a cultura da videira, sendo que, na época, a coleção chegava a 69 cultivares de uva para mesa e vinho. Juntamente com a videira, priorizou-se nesses estudos outras espécies frutícolas, dentre as quais a noqueira-pecã, com estudos sobre aspectos de adaptação, tratamentos fitossanitários e tratamentos culturais, visando atender uma demanda de diversificação de culturas que existia na região (Carvalho, 1988).

Fase IV

A quarta fase da noqueira-pecã no Brasil, o período de ouro, reuniu um conjunto de acontecimentos que proporcionaram a expansão da pecanicultura comercial em alguns estados brasileiros (RS, SC, PR, MG, SP). O principal fato que incentivou a implantação de pomares de noqueira-pecã no país está associado à promulgação da Lei nº 5.106, de 2 de setembro de 1966, que dispunha sobre os incentivos fiscais concedidos a empreendimentos florestais. Constava no Art. 1º: “As importâncias empregadas em florestamento e reflorestamento poderão ser abatidas ou descontadas nas declarações de rendimento das pessoas físicas e jurídicas, residentes ou domiciliados no Brasil, atendidas as condições estabelecidas na presente Lei”.

No entanto, o que viria a incentivar a implantação de grandes pomares de noqueira-pecã no Brasil, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, foi o texto que constava no § 3º: “As pessoas jurídicas poderão descontar do imposto de renda que devam pagar, até 50% (cinquenta por cento) do valor do imposto, as importâncias comprovadamente aplicadas em florestamento ou reflorestamento, que poderá ser feito com essências florestais, árvores frutíferas, árvores de grande porte e relativas ao ano-base do exercício financeiro em que o imposto for devido.”

A promulgação da referida lei não foi o único fator que permitiu o surgimento de novos pomares. Indissociavelmente disso, tem-se o fato que já havia uma produção de mudas no estado de São Paulo, principalmente pelo pioneirismo do Viveiro Dierberger. Isso também aconteceu no estado do Rio Grande do Sul, segundo os registros constantes na *Cartilha do Agricultor* (Rio Grande do Sul, 1970), com os viveiros então produzindo mudas, a maioria pé-franco, destacando-se: João Grendene, Nelson Vicente Feltrin e Granja São João, no município de Farroupilha; Eugenio Zibetti, em Passo Fundo; Nogal Jodeka Ltda., em Caxias do Sul; e Armínio Miotto, no município de Anta Gorda. Esse último, o de maior referência, acabou por desencadear outras iniciativas de produção de mudas e de formação de pomares, em 1966 e 1968, em Anta Gorda. Essas iniciativas partiram de material vegetativo das primeiras plantas de noqueira-pecã, implantadas por Armínio Miotto, em 1943, através de anúncios de um viveirista de São Paulo, divulgando a existência de mudas de noqueira-pecã importadas de Kentucky (EUA). Miotto adquiriu quatro mudas e as plantou na cidade.

Outra referência importante na história da pecã é a família Pitol. Em 1951, Antônio Pitol e seu filho, Luizinho Pitol, na época com 8 anos de idade, plantaram as primeiras mudas enxertadas de noqueiras-pecã em sua propriedade, na cidade de Anta Gorda. Em 1960, o prefeito de Anta Gorda, Armínio Miotto, designou um grupo de agricultores enxertadores para realizar a enxertia da noqueira-pecã nos pomares da cidade, com objetivo de melhorar a precocidade e a produção de frutos. O primeiro grupo de enxertadores foi formado pelo Luizinho Pitol, Alfeu Miotto e Volmar Dalla Vechia. Posteriormente, outros grupos de enxertadores foram formados; na época, mais de 60 agricultores enxertaram plantas de pé franco e instalaram viveiros no Sul do Brasil.

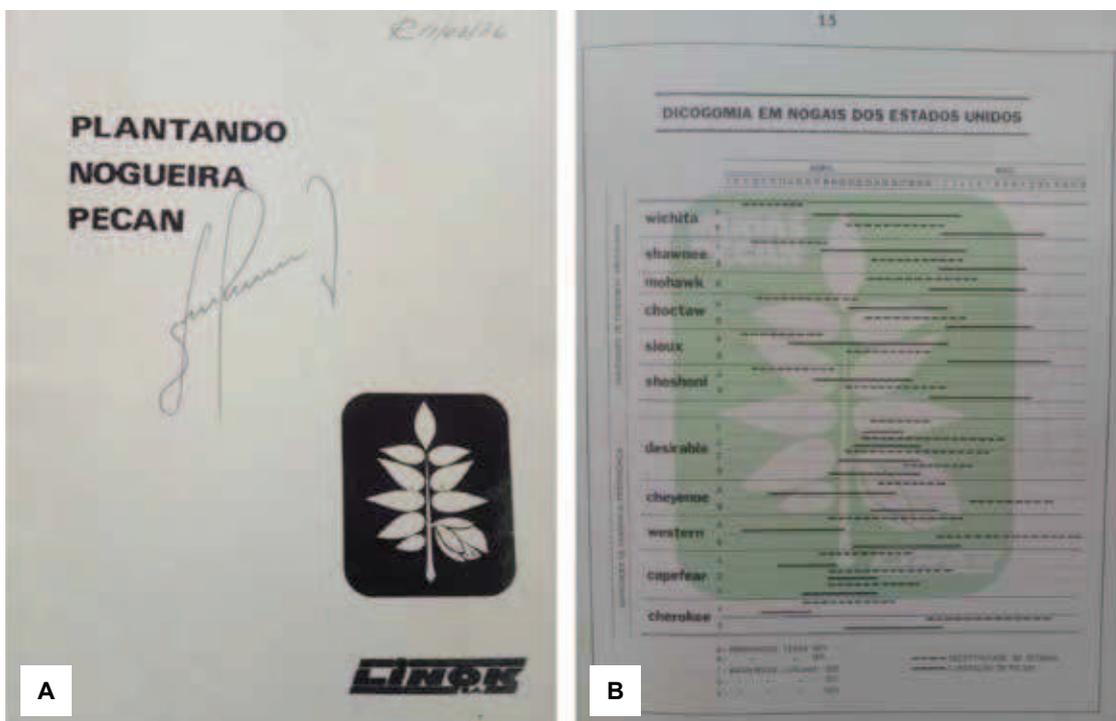
Em 1965, o Sr. Luizinho começou a comercializar mudas, iniciando o viveiro da família Pitol. Um dos primeiros materiais enxertados foi a cultivar Melhorada, registrada como 'Pitol 1', proveniente da propriedade de Armínio Miotto. Com o passar dos anos e viagens a locais onde havia plantas antigas de noqueira-pecã, essas eram selecionadas e coletadas plantas para enxertia. Isso aconteceu com a cultivar Imperial, por exemplo, que foi coletada na região de Passo Fundo. As cultivares coletadas eram enxertadas em plantas antigas e observadas, para depois se fazer a enxertia em massa e a posterior comercialização. Das mudas selecionadas, surgiu o primeiro pomar da família que segue no ramo até os dias de hoje (Figura 2). Um fato interessante sobre esse primeiro pomar é que iniciou a partir de uma plantação de tungue (*Aleurites fordii*), quando o Sr. Luizinho cortou as plantas de tungue e plantou, entre os troncos, sementes de pecã que serviram como cavalo para enxertia desse pomar, que atualmente tem aproximadamente 60 anos. Em 1985, acreditando no mercado promissor, o Sr. Luizinho e seus filhos, Lenio e Leandro, constituíram uma empresa familiar. Em 2008, o pomar da família aumentou de 1 ha para 20 ha. Atualmente, a fusão do viveiro, do pomar, da assessoria e a produção de cosméticos gerou o Grupo Pitol.



Figura 2. Nozes produzidas pelo primeiro pomar de noqueira-pecã da família Pitol, no início do processo produtivo das plantas.

Como exemplo desse período de expansão da pecanicultura, cita-se também o estabelecimento de um grande pomar (com mais de 650 ha), no município de Cachoeira do Sul, RS, a partir de 1968. O empresário Geraldo Linck (1927-1998), que já conhecia a cultura da noqueira-pecã de suas viagens particulares aos Estados Unidos, importou as primeiras mudas, que dariam origem ao seu pomar. Na elaboração do projeto, houve a contribuição do Dr. Harry Amling (Auburn University). Originalmente, o espaçamento de plantio utilizado foi de 9 m x 9 m, tendo sido implantadas mais de 30 cultivares, incluindo 'Desirable', 'Cape Fear', 'Elliot', 'Barton', 'Shoshoni', 'Chickasaw', 'Shawnee', 'Western Schley' e 'Wichita'. Esse pomar é considerado o primeiro pomar empresarial instalado no Brasil e pertenceu à família Linck até 2006. Inclusive, baseados em informações dos Estados Unidos, os Linck tinham na época uma cartilha técnica sobre a noqueira-pecã (Figura 3). Atualmente, o pomar pertence à empresa Pecanita, administrada pela família Wallauer, que, além de dar continuidade ao pomar e à produção de nozes, possui ainda um complexo agroindustrial de processamento de nozes e o viveiro com a produção de mudas. Esse pomar, nos dias de hoje, é uma referência

em termos de conhecimento sobre as cultivares e manejo da cultura, sendo inclusive referenciado no livro *Pecan. America's Native Nut Tree* escrito pelo professor Leny Wells, da Universidade da Geórgia dos Estados Unidos, berço da pecã no mundo.



Fotos: Carlos Roberto Martins

Figura 3. Publicação sobre noqueira-pecã: cartilha técnica disponibilizada pela família Link em 1976 (A), contendo recomendações utilizadas nos pomares dos Estados Unidos da América (B).

Uma boa fonte de consulta, para se entender o momento histórico pelo qual passava a pecanicultura brasileira, refere-se aos dados que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) () reuniu durante os anos 1970 e 1980. Na Figura 4, constam os registros das informações iniciais, em 1974, com uma propriedade onde a área de colheita de noqueira-pecã era de 740 ha.

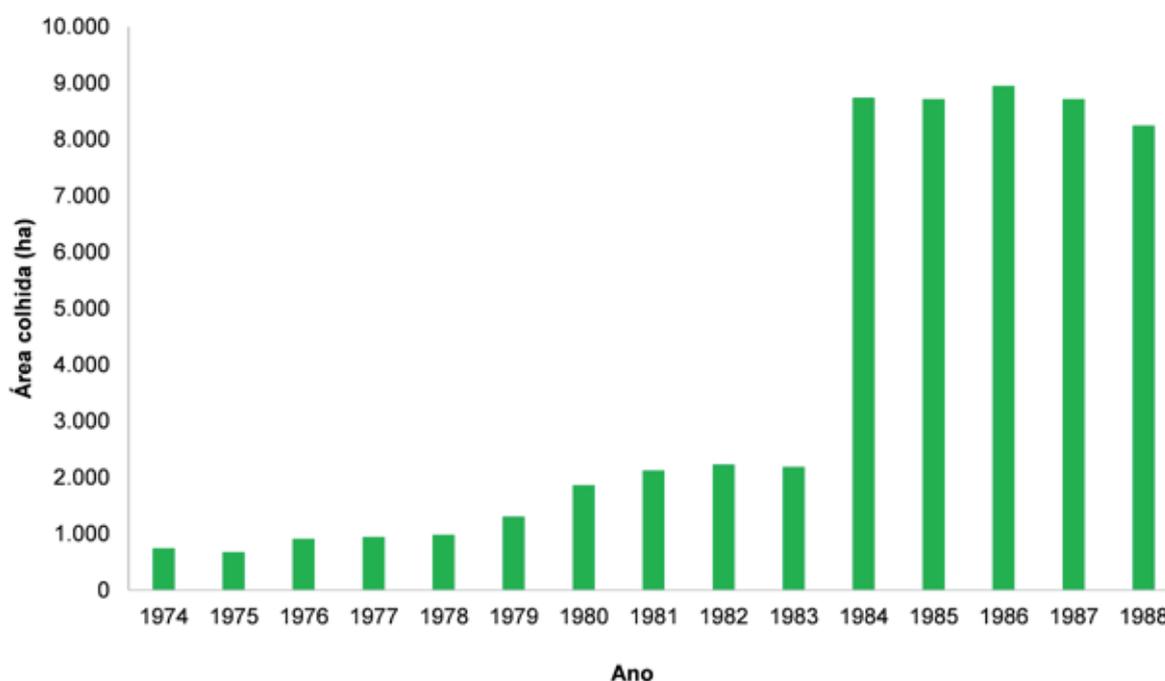


Figura 4. Área colhida de noqueira-pecã no Brasil, entre 1974 e 1988.

Fonte: adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Estimulados pelo incentivo fiscal, vários foram os novos pomares implantados no Brasil, partindo-se de uma área de praticamente inexistente, conforme registrado pelos dados do IBGE. Subitamente, atinge-se 8.252 ha, no ano de 1988 (Figura 5), 22 anos após promulgada a lei que dispunha sobre os incentivos fiscais.

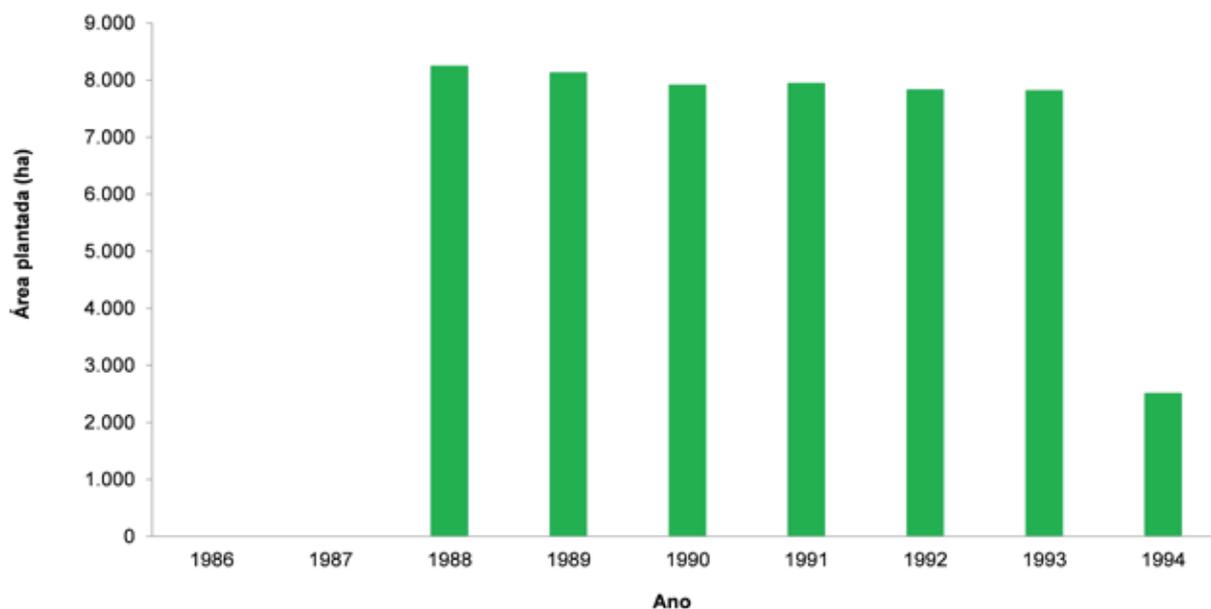


Figura 5. Área plantada com noqueira-pecã no Brasil, entre 1986 e 1994.

Fonte: adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

O otimismo e as boas colheitas de pecã no estado do Rio Grande do Sul viabilizaram a 1ª Festa Estadual da Noz-pecã, realizada de 19 a 27 de julho de 1975, no município de Anta Gorda. No evento, houve exposição de mudas, nozes produzidas naquela região, inclusive distribuição de *souvenirs*, como chaveiros. Registros fotográficos da época mostram faixas nessa até então inédita feira dedicada à noz-pecã (Figura 6).

Foto: Luizinho Pitoi



Figura 6. Registro fotográfico da primeira Festa Estadual da Noz-pecã, realizada no município de Anta Gorda, no Rio Grande do Sul, em 1975.

Acompanhando a fenomenal expansão da pecanicultura no Brasil, surgem as primeiras pesquisas sobre noqueira-pecã em território nacional, de 1978 a 1980, orientadas por Bonifácio Nakasu (pesquisador da Embrapa). Nesse contexto, o engenheiro-agrônomo José Bismarck da Costa Baracuchy (Universidade Federal de Pelotas) adquire o título de mestre, após realizar a pesquisa intitulada *Determinação do período de floração e viabilidade do pólen de diferentes cultivares de noqueira-pecã *Carya illinoensis* (Wang.) K. Koch.*

Um dos primeiros materiais técnicos – de que se tem registro – publicados no Rio Grande do Sul e referente à cultura da noqueira-pecã é a *Cartilha do Agricultor*, volume 3, publicada pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, em 1970 (Figura 7). Nessa publicação, são abordadas as necessidades da cultura e as condições iniciais para uma boa produção. Consta ainda, que, na época, as principais zonas produtoras de nozes no estado eram Guaporé, Encantado, Anta Gorda, Erechim, Nova Prata, Casca, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul. Também destaca os grandes produtores de noqueira-pecã, sendo assim descritos:

“São Grandes plantadores:

- 1) Empresa Ibirajaras, em André da Rocha, município de Lagoa Vermelha, com mais de 12.000 mudas bem cultivadas.
- 2) Nogal Jodeka Ltda., município de Caxias do Sul. Mantém atualmente em cultivo mais de 12.000 mudas.
- 3) Dr. Brenno Luiz Winckler, Caxias do Sul, com aproximadamente 7.000 mudas cultivadas em boas condições técnicas.
- 4) Empresa Lunardi, em Nova Prata. Possui grande plantação, tecnicamente bem conduzida.
- 5) Sr. Carlos Waldemar Fett, em Anta Gorda, com plantação tecnicamente conduzida, consociada com trigo.
- 6) Sr. Armínio Miotto, em Anta Gorda, com mais de 4.000 mudas cultivadas, e muitos outros agricultores, na região colonial italiana e outros municípios, com noqueirais que vão de 1.000 a 3.000 árvores.
- 7) A Empresa Linch S.A. planeja instalar em Cachoeira do Sul pomares de pecã enxertada, numa área aproximada de 900 ha. Inicialmente vão cultivar 12.000 mudas.”

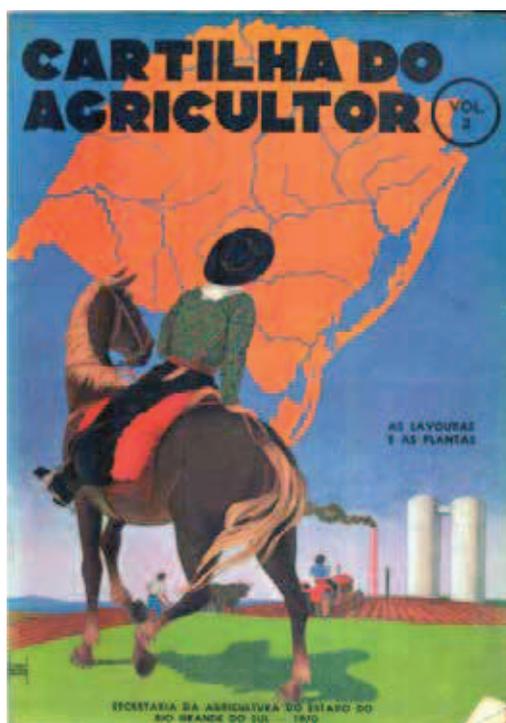


Foto: Carlos Roberto Martins

Figura 7. Capa da publicação *Cartilha do Agricultor*, disponibilizada em de 1970, editada pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, em que são apresentadas as primeiras informações técnicas sobre a cultura da pecã.

A Embrapa de Clima Temperado, na época conhecida como Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Cascata (Uepae Cascata – 1975/1982), localizada no município de Pelotas, RS, também desenvolvia trabalhos de pesquisa sobre a cultura da noqueira-pecã. Os pesquisadores Bonifácio Nakasu e Airton Raseira publicaram, em abril de 1981, o Comunicado Técnico nº 13, intitulado *Tratamentos fitossanitários da noqueira-pecã*. Outra referência da época é a publicação do Comunicado Técnico nº 63, *A cultura da noqueira-pecã*, organizado e escrito em 1990 pelo engenheiro-agrônomo Ailton Raseira. Em 1993, as atividades de pesquisa sobre noqueira-pecã foram encerradas na Embrapa Clima Temperado, por falta de perspectiva de plantios comerciais na época, como consta nos relatórios do projeto de pesquisas Coleção de Cultivares de Fruteiras Diversas de Clima Temperado, mantendo-se apenas coleções de cultivares.

Um dos pioneiros e grande incentivador da cultura na região de Pelotas foi o empresário José Raphael Gomes Lopes, que plantou grandes áreas com noqueiras, mais de 200 ha, intercalando com espécies tradicionais, como o pessegueiro e a figueira, que produziam mais cedo. Esse empresário proporcionou a vinda de consultores internacionais e viagens de pesquisadores da Uepae Cascata a diversos países produtores. José Raphael visitou instituições de pesquisa e produtores de pecã nos Estados Unidos, em Illinois, Flórida, Louisiana, Texas e Mississipi.

É importante registrar também as experiências de cultivo de noqueira-pecã no estado do Paraná, onde, por volta das décadas de 1950-1970, houve implantação de pomares. Esse movimento teve como pioneiros pequenos agricultores de origem japonesa, que acreditaram no potencial dessa frutífera. Na região de Assaí, o agricultor Kokishi Yamaue cultivava noqueira-pecã, na época chamada de “noz pekan”, em áreas onde não era possível cultivar cereais. Algumas variedades foram selecionadas por Yamaue e distribuídas a outros produtores, como Takujo Fujita, da região de Assaí, que utilizou no meio do pasto as variedades selecionadas. Em uma entrevista ao jornal *Folha Rural*, de 15 de março de 1986, Kokishi Yamanue, foi considerado um visionário, “um sonhador”, conforme ênfase do jornalista às palavras do produtor:

“Quero mostrar que não é só de cereais que o homem pode viver, tirar seus lucros. Os técnicos e os produtores precisam pensar em plantar árvores, que quase se perpetuam na terra pela resistência que elas têm, seja ao excesso de sol, seja às chuvas.”

Outro exemplo de pioneirismo no cultivo de noqueira-pecã no Paraná é o da família Terabe. Em 1954, Massayuki Terabe, depois de muita procura, encontrou mudas de noqueira-pecã no Orquidário Catarinense, de onde adquiriu 12 plantas de pé franco para iniciar seu pomar em Uraí, PR. Dessas, apenas três plantas produziram, após 12 anos de plantio. Posteriormente, o pomar foi ampliado, ainda de pé franco, no meio do cafezal. Com o surgimento do Viveiro Dieberger, mudas de ‘Mahan’ e ‘Burket’ foram adquiridas, e o pomar foi enxertado no campo. Nessa época, em 1970, o agricultor Paulo Terabe, filho de Massayuki Terabe, já trabalhava junto ao pomar de noqueira-pecã, cultivando 10 alqueires (24 ha) dos 15 totais de sua propriedade. Após um período de 6 meses nos Estados Unidos, Paulo se especializou na enxertia de noqueira-pecã, quando se iniciaram os trabalhos com viveiros de mudas. Muitos pomares do Paraná e São Paulo foram formados com mudas da família Terabe. O pomar foi baseado inicialmente em quatro cultivares: ‘Mahan’ (era predominante até a ocorrência do fungo que causa a doença conhecida como sarna da noqueira-pecã), ‘Burket’, ‘MoneyMaker’ e uma variedade híbrida, conhecida como Morokowa (implantada em seu pomar por volta dos anos de 1995). Ainda hoje, o pomar de Paulo Terabe produz nozes (Figura 8).



Foto: Carlos Roberto Martins

Figura 8. Pomar de noqueira-pecã da família Terabe, ainda hoje em produção, enxertado a campo em 1970, em Uraí, PR.

O avanço extraordinário da cultura no Brasil permitiu o alcance de quase 17 mil hectares (Barcuhy, 1980), com o surgimento de novos pomares de noqueira-pecã, principalmente nos estados da região Sul, juntamente com áreas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Após esse período, documentado pelos números do IBGE, houve redução drástica do cultivo. A partir de 1995, grande parte dos pomares foram abandonados, sendo colhidos apenas 2.514 ha, enquanto em 1993 a área colhida havia sido de 7.235 ha, uma redução de 4.721 ha, como ilustrado na Figura 9.

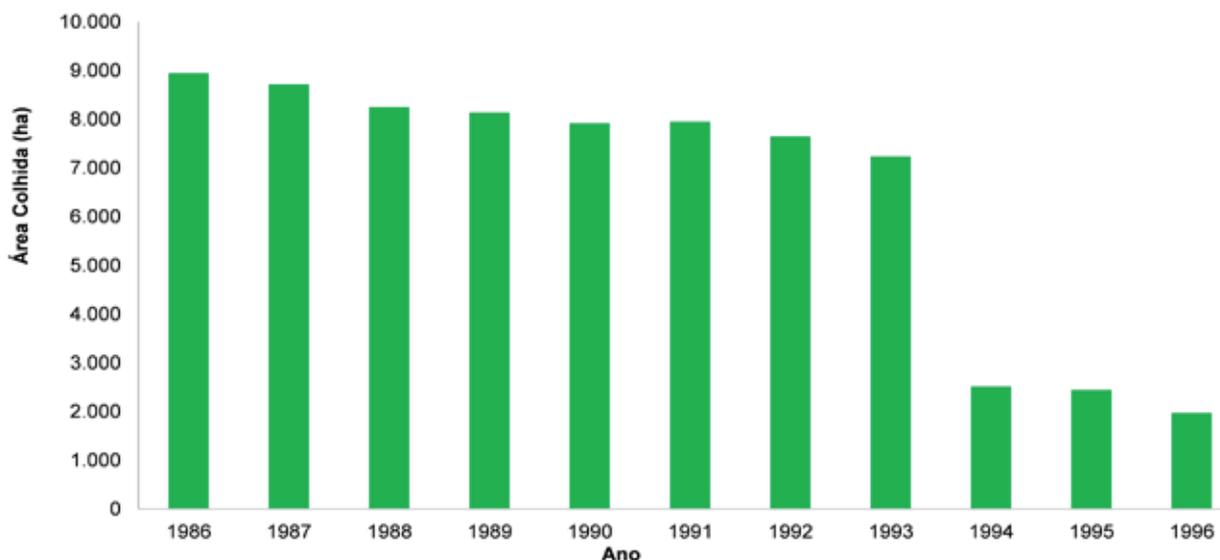


Figura 9. Área colhida de noqueira-pecã no Brasil, entre 1986 e 1996.

Fonte: adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Essa drástica redução da área colhida de noqueira-pecã foi reflexo do abandono dos pomares pelos produtores, desencadeado por uma série de fatores, entre eles, o fato de que os pomares eram constituídos, em grande parte, de cultivares sensíveis à sarna, como 'Mahan' e 'Moneymaker' (Secretaria da Agricultura do Estado do RS, 1970), sendo a principal doença fúngica da noqueira-pecã até os dias atuais. Associado à escassez de informações e baixo nível tecnológico implementado nos pomares, o surgimento da sarna fez com que houvesse uma redução de 65% da área colhida, de um ano para o outro. Grande parte dos pomares implantados entre 1960-1980 foram abandonados ou erradicados alguns anos depois.

Fase V

A quinta fase da noqueira-pecã no Brasil corresponde ao ressurgimento da cultura. Depois da grande queda nos anos 1990, a cadeia produtiva da noqueira-pecã iniciou um processo de recuperação a partir do início deste século, mais expressivo a partir de 2010.

O Rio Grande do Sul foi o estado que promoveu uma nova investida na cultura. As agroindústrias, processando as nozes e, os viveiros, produzindo as mudas, foram pilares fundamentais no fomento à produção de pecã. Nessa fase reimpulsionou do cultivo de pecã, continuam a se destacar a pioneira família Pitol, em Anta Gorda, e a empresa Pecanita, em Cachoeira do Sul, com os viveiros e as agroindústrias de processamento; também em Cachoeira do Sul, a empresa Divinut, uma das primeiras a produzir mudas embaladas, comandada pela Família Ortiz, com os proprietários Edson e Marucia Ortiz, que, desde 2000, vêm produzindo mudas e processando nozes na agroindústria; ainda em Cachoeira do Sul, a empresa Paralelo 30, idealizada por um grupo de investidores, iniciou seu pomar em 2009, contando também com viveiro de mudas. Destaca-se, ainda, o viveiro de mudas Spezia, conduzido por Raul Goldoni, Elmir José Lampert e Mario Cauzzi, em Anta Gorda, que, desde 2010, se dedicam à produção de mudas na região de Anta Gorda.

Em meados de 2013, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) começou a intensificar suas atividades de pesquisas e extensão, especificamente com a cultura da noqueira. Primeiras pesquisas são executadas a campo e em laboratórios, aliando, ainda, a orientação técnica, por meio de cursos de extensão sobre o cultivo de noqueira-pecã, promovidos pelo Colégio Politécnico da UFSM, por Diniz Fronza, Tales Poletto e Jonas Janner Hamann, os quais elaboraram a primeira literatura técnica brasileira atualizada sobre a cultura (Figura 10), em que são abordados assuntos como implantação do pomar, cultivares, polinização, podas, adubação, manejo de pragas e doenças, colheita, etc.



Foto: Carlos Roberto Martins

Figura 10. Capa do primeiro livro brasileiro com informações técnicas sobre a cultura da noqueira-pecã, publicado em 2014.

Com a retomada da implantação de novos pomares no estado do RS, produtores, empresas privadas do segmento e entidades públicas (Embrapa Clima Temperado, UFSM, UFRGS, UFPel, Uergs, Emater-RS, Fepagro-RS), em um trabalho conjunto, articularam-se ao governo do estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação (Seapi) e mediante o Decreto nº 53.549, de 25 de maio de 2017, que instituiu o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecanicultura “Pró-Pecã”, coordenado pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação, com o propósito de incentivar, fomentar e coordenar ações com vistas à expansão da produção de pecã e beneficiamento por meio de agroindústrias no Rio Grande do Sul. Impulsionado pela relevância econômica que cultura estava adquirindo, foi também publicado na mesma data o Decreto nº 53.550, que criou a Câmara Setorial da Pecã, da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação do estado do Rio Grande do Sul.

Ainda em 2017, no mês de julho, a Embrapa Clima Temperado institucionalizou o primeiro projeto nacional sobre a cultura da noqueira-pecã: Bases para a Produção Sustentável da Pecã no Brasil. O projeto possibilitou articular e mobilizar uma equipe para desenvolver trabalhos de pesquisa voltados para o ressurgimento da cultura da noqueira-pecã no Sul do Brasil.

Já em 2018, mais precisamente nos dias 25 e 26 de abril, aconteceu no município de Anta Gorda, RS, o I Simpósio Sul-Americano da Cultura da Pecã e V Seminário da Cultura da Pecã, quando, juntamente a esses eventos, no dia 26/04/2018, ocorreu a solenidade da primeira Abertura Oficial da Colheita da Noz-pecã, realizada na propriedade da família Pitol (Figura 11A).

Também em 2018, no mês de outubro, foi realizada assembleia de Fundação do Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan), a primeira associação de produtores de noqueira-pecã do Brasil. O objetivo era de oferecer ao produtor um instrumento efetivamente de apoio, disseminando informações técnicas, cursos, oportunizando a troca de conhecimento, qualificação de trabalhadores e encaminhamento de pleitos do setor. Nesse mesmo ano, foi criada a Associação Brasileira de Nozes, Castanhas e Frutas Secas (ABNC), com sede na Fiesp, em São Paulo, que também desempenha papel de representatividade da noqueira-pecã.

Em 31 de outubro de 2018, a cultura da noqueira-pecã recebeu do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) o reconhecimento e o registro de cultura com suporte fitossanitário insuficiente (CSFI), também chamado de *minor crops*, que regulamenta o uso de agrotóxicos para aquelas culturas cujo custo para a realização dos ensaios necessários visando o registro de agrotóxicos é inviável economicamente. A inexistência de produtos registrados para a cultura no Mapa era um entrave para o desenvolvimento da cadeia produtiva, pois, até então, era ilegal a recomendação técnica de defensivos químicos para o controle de pragas e doenças da noqueira-pecã.

Também cabe destacar, em 2019, a realização em Cachoeira do Sul, do II Simpósio Sul-Americano de Pecã e a II Abertura Oficial da Colheita da Pecã no RS (Figura 11B). O evento consolidou outro marco da cultura no Brasil, permitindo engajamento técnico-científico entre as universidades e as instituições de pesquisa como Embrapa, Inta – Argentina, Inia – Uruguai, Inta – Chile e instituições de pesquisa e ensino do México e Estados Unidos. Inclusive, houve a apresentação de trabalhos científicos desenvolvidos por pesquisadores desses países, disponibilizados pela primeira vez na América do Sul, nos *Anais do II Simpósio Sul-Americano de Pecã*.



Figura 11. Abertura Oficial da Colheita da Noz-pecã no Brasil, realizada nos municípios de Anta Gorda em 2018 (A) e Cachoeira do Sul em 2019 (B).

Considerações finais

O cenário atual do cultivo da noqueira pecã delineado na linha do tempo, traz consigo muitos fatos e avanços. A demanda pela fruta e a possibilidade de bons ganhos financeiros têm sido o grande incentivador à adesão dos produtores. Por consequência, o aumento de área e de produção são evidenciados à medida que a mobilização e o engajamento nas causas emergentes da cultura são amparados por associações, universidades, instituições de ensino e pesquisa e, ainda, por políticas públicas que possam subsidiar os anseios da cadeia produtiva.

Provavelmente, o futuro mostrará que o grande diferencial dessa nova fase da cultura seja o fato de considerar o passado, com seus erros e acertos, como forma de encorajar a busca pelo conhecimento técnico e o avanço tecnológico necessários à consolidação do cultivo da noqueira-pecã em nosso país.

Referências

- BITTENCOURT, P. V. C. **A cultura da noqueira-pecã**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [19--]. 30 p. (ABC do lavrador prático, 54).
- CARVALHO, E. V. **Cascata**: 50 anos de pesquisa. Pelotas: EMBRAPA-CNPFT, 1988. 28 p. (EMBRAPA-CNPFT. Documentos, 26).
- IBGE. **Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA)**: banco de dados agregados. Sistema produção da extração vegetal e da silvicultura. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- MURAYAMA, S. **Horticultura**. 2. ed. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1973. 317 p.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Agricultura do Estado. **Cartilha do Agricultor**. Porto Alegre, 1970. v. 3.
- WELLS, L. **Pecan**. America's Native Nut tree. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2017. 264 p.